

ENSINO DINÂMICO DE HISTÓRIA: SENTIDOS HISTÓRICOS
COMPARTILHADOS EM UMA COMUNIDADE VIRTUAL DE
PROFESSORES/AS DE HISTÓRIA

Lisiane Sias Manke

Universidade Federal de Pelotas (UFPel)

E-mail: lisianemanke@yahoo.com.br

Rayanne Matias Villarinho

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS)

E-mail: rayannematiasv@gmail.com

Maria Bagesteiro

Universidade Federal de Pelotas (UFPel)

E-mail: maria.portilhho@gmail.com

Resumo

O artigo analisa conteúdos históricos publicados no universo virtual de comunicação, ao contemplar o caso de um grupo específico do *Facebook*, denominado Ensino Dinâmico de História, a fim de identificar a produção e circulação de materiais didáticos disponibilizados por professores/as de História. A pesquisa dialoga com o campo da Didática da História, ao discutir o conceito de cultura histórica. Em termos metodológicos a análise de conteúdo ocorre em um *corpus* empírico de fontes digitais exclusivas. Neste grupo, majoritariamente formado por professores/as de História, observamos elementos da cultura histórica de dimensões cognitiva, estética e política, dadas a ver através dos materiais didáticos que respondem aos interesses, expectativas e percepções que possibilitam desenvolver aprendizagens históricas.

Palavras-chave: Ensino de História. Cultura Histórica. Facebook.

ENSINO DINÂMICO DE HISTÓRIA: HISTORICAL SENSES SHARED IN A VIRTUAL COMMUNITY OF HISTORY TEACHERS

Abstract

The study includes historical content published in the communication virtual universe, analyzing a specific group of Facebook, to identify the production and circulation of didactic materials made available by History teachers. Dialoguing with the Didactics of History, it discusses the concept of historical culture and methodologically, applies content analysis in an empirical *corpus* of exclusive digital sources. In a group mostly of history teachers, we observe elements of historical culture, cognitive, aesthetic, and political dimensions given to see through the didactic materials that respond to the interests, expectations and perceptions of a teachers group which aimed at developing historical learning.

Keywords: History Teaching. Historical Culture. Facebook.

Introdução

O estudo é parte de um projeto¹ mais amplo que visa compreender os processos de leitura, escrita e produção de conteúdos históricos, que circulam em diferentes instâncias sociais e em variados suportes. O recorte investigativo para este artigo contempla conteúdos históricos publicados no universo virtual de comunicação, ao analisar o caso de um grupo do *Facebook* denominado *Ensino Dinâmico de História* (EDH), com objetivo de identificar a produção e circulação de materiais didáticos disponibilizados por professores/as de História. Sendo a Internet um lugar de ampla circulação de informações cada dia mais presente nas práticas educacionais, as investigações que se ocupam em compreender os processos de produção e apropriação do conhecimento histórico se voltam necessariamente para esse espaço, justamente por entender que os meios de comunicação possibilitam novas formas de apresentação dos conteúdos, conduzindo a diferentes reflexões e abordagens sobre práticas educacionais de ensino e aprendizagem. Os mais recorrentes são os ambientes virtuais de aprendizagem, porém, além destes, também é preciso considerar as diversas possibilidades de interação e trocas entre

¹ Esse trabalho foi construído partir de discussões promovidas no grupo de pesquisa *HEDUCA – História e Educação: textos, escritas e leituras*, vinculado ao CNPQ e a Universidade Federal de Pelotas (UFPEl).

professores/as nos espaços virtuais, assim como os recursos tecnológicos para produção dos materiais didáticos, entre outras apropriações possíveis de tal tecnologia nos processos educacionais.

Ao considerar a relevância da produção de saberes históricos nos *ciberespaços*, esta investigação centra-se em compreender a cultura histórica manifestada em um grupo destinado à interação entre professores/as de História, estabelecendo relação entre a educação escolar e extraescolar para a construção de conhecimentos históricos. As publicações são analisadas contemplando o conteúdo e o recorte temático das postagens, os recursos didáticos divulgados e a interação dos internautas com as publicações, de modo a averiguar os elementos da cultura histórica que circulam na comunidade virtual. A pesquisa está fundamentada nos estudos vinculados ao campo da Didática da História, e se soma a um conjunto de estudos que visam compreender a circulação e os usos do conhecimento histórico. Para tanto, o conceito de cultura histórica, compreendido como “a articulação prática e operante da consciência histórica na vida de uma sociedade” (Rüsen, 2016, p. 57), atravessado pelas funcionalidades da consciência e da memória histórica, atua como balizador para compreender a função da história nos espaços públicos, a exemplo da circulação desse conhecimento nos *ciberespaços*.

O grupo Ensino Dinâmico de História foi criado em 29 de novembro de 2011. No início desta pesquisa (outubro de 2021) contabilizava 28,5 mil membros, já em julho de 2022 ultrapassava 29 mil membros. A escolha desse grupo, em específico, para análise se deu pelo significativo número de membros que interagem diariamente, assim como pelo fato de ter um longo período de existência (mais de uma década), tendo surgido em uma rede social ainda mais antiga, o *Orkut*. A descrição destaca que a comunidade existe desde 2006, com público de professores, graduandos e interessados pelo ensino de História, com o propósito de ampliar e transformar as práticas de ensino de História de modo que essas se tornem mais dinâmicas e cativantes. Percebe-se que o grupo busca motivar os integrantes a compartilharem materiais “inovadores”, que tenham potencial de “ampliar e transformar” suas práticas docentes.

Diante da amplitude do grupo e do propósito que o constitui, constatamos a relevância da investigação no sentido de compreender as construções extraescolares que incidem na produção do conhecimento histórico escolar. Contudo, desenvolver uma pesquisa a partir do digital e das redes sociais ainda é desafiador, especialmente devido aos aspectos metodológicos de uma prática recente. Mas, como bem salienta Barros (2022, p. 89): “há um vasto universo a ser

explorado ao se tomar a *Web* como campo no qual florescem fontes históricas de todos os tipos”. Com essa percepção, compreendendo a riqueza de dados que podem ser observados através da *Web*, passamos a registrar todas as publicações realizadas por internautas que constituem a comunidade virtual do grupo EDH. Para tanto, em um período de três meses foram coletadas e catalogadas 231 publicações, do dia 9 de outubro ao dia 9 de dezembro de 2021², contabilizando um trimestre de acompanhamento diário sobre o funcionamento do grupo³. Toda vez que uma pessoa subia uma nova publicação, a mesma era acessada separadamente para que esse link pudesse ser salvo. Nesse processo, as postagens foram identificadas e catalogadas por autoria, tema do conteúdo publicado, recurso didático utilizado e número de interações com a publicação.

Assim, as fontes utilizadas no presente estudo são fontes documentais digitais exclusivas, que, segundo Almeida (2022), “são aqueles que não possuem outro suporte além do digital. Trata-se de uma enorme quantidade de informação que está sendo produzida e disponibilizada unicamente em formato digital, sobretudo na internet” (Almeida, 2022, p. 109). A partir da coleta e organização das fontes digitais exclusivas foi possível considerar aspectos da cultura histórica que circulam na comunidade em questão, que por ser constituída essencialmente por professores de História reflete, de algum modo, as práticas de ensino de História desenvolvidas no contexto escolar.

A comunidade virtual em questão

A era digital fez com que a realidade fosse permeada por grupos de pessoas conectadas através de uma estrutura de redes, sendo estas, as Redes Sociais (Recuero, 2009, p. 27-30), transformando a comunicação global. No entanto, as redes sociais deixaram de ser apenas espaços de interação social no universo digital e tornaram-se fonte de informações, vendas, publicidades, lazer, entre outras possibilidades. As redes sociais influenciam comportamentos,

² Neste período algumas escolas realizavam suas atividades em sistema híbrido de ensino, ou seja, parte das atividades no modo presencial, parte no modo remoto, devido a pandemia de Covid-19.

³ A pesquisa em termos metodológicos dialoga com os princípios norteadores da Netnografia (Kozinets, 2014), embora esta metodologia não tenha orientado diretamente a coleta dos dados. Contudo, no que se refere a postura ética no trato das publicações coletadas no espaço virtual, seguimos a orientação de Kozinets, quando afirma: “analisar comunicações de comunidades ou culturas online ou seus arquivos não é pesquisa com seres humanos se o pesquisador não registrar a identidade dos comunicadores” (2014, p. 134), por isso, mantemos no anonimato a identidade dos/as professores/as autores/as dos materiais didáticos publicados no grupo.

como modos de ser, de se posicionar, atuar socialmente, constituindo pertencimento e identidade intergrupar entre os usuários. Um exemplo de rede social é o *Facebook*, criado em 2004 e que desde então, tornou-se cada vez mais popular, sendo a primeira rede social a alcançar a marca de 1 bilhão de registros e atualmente conta com 2,8 bilhões de usuários ativos. (FACEBOOK, 2022).

A rede social *Facebook* contou desde seu início com muitos adeptos e ao longo do tempo apresentou cada vez mais potencial na área, contemplando diferentes interesses dos internautas, entre esses a possibilidade de interação visando assuntos educacionais em grupos específicos de estudo e/ou pesquisa. Segundo Ângelo Luís Scherer e Josefa Gomes de Farias (2018), o *Facebook* “tornou-se não só um canal de comunicação, um destino para pessoas interessadas em procurar, partilhar ou aprender sobre determinado assunto, mas também um meio de oportunidades para o ensino superior” (Scherer; Farias, 2018, p. 6). Considerando o amplo acesso e adesão às comunidades virtuais, como o *Facebook*, é relevante considerar os processos educacionais extraescolares que acontecem nelas, que para além dos conhecimentos compartilhados constituem uma oportunidade de coesão intergrupar (Cerdà; Planas, 2011, p. 33) por serem um espaço virtual social.

Neste cenário, as comunidades virtuais se organizam por interesses, motivações e possibilidade de discussão sobre uma mesma temática, constituindo grupos por afinidade profissional, ideológica, religiosa, entre outros. Para Axt (2004), a comunidade virtual se caracteriza enquanto grupo que partilha objetivos e interesses sobre determinado assunto ou fenômeno que se relacionam essencialmente pela linguagem. Nessas comunidades, espaço de interesse comum e de construção coletiva, formam-se laços de identidade e reciprocidade, pois, como apontam Arnaldo Szlachta Junior e Marcia Teté Ramos (2021):

O senso de pertencimento faz os sujeitos construir uma identidade. Esses autores ainda colocam a reciprocidade entre os indivíduos como um dos princípios fortes nestes espaços, por conta de normas de convivência, estabelecimento de práticas que busquem um relacionamento saudável, apresentando sanções contra aqueles não seguidores das regras, como por exemplo, o bloqueamento/banimento/cancelamento. Atualmente, muitos se organizam em comunidades virtuais e esses espaços alcançam a sala de aula como reelaboração da aula-oficina no ensino e aprendizagem histórica, na medida em que se compartilha fontes históricas, artigos e livros, sites e jogos voltados para a compreensão do passado (Szlachta Junior; Ramos, 2021, p. 24).

Como bem indicam os autores, os internautas que constituem uma comunidade virtual se sentem pertencentes àquele universo, compartilham interesses, se colocam em diálogo com os pares, constituem e partilham determinada identidade social e cultural. Assim, em uma

comunidade virtual de professores/as de História motivados/as a compartilhar concepções de ensino e aprendizagem a partir de suas experiências práticas de docência ocorre a produção e circulação de determinada cultura histórica que responde aos interesses, expectativas e percepções cognitivas, estéticas e políticas a respeito do ensino de História.

É o que acontece na comunidade EDH, que se organiza a partir de princípios de convivência, tendo como objetivo central o compartilhamento de experiências, atividades e práticas docentes sobre o ensino de História, primando pela convivência harmônica entre os integrantes. A proposta do grupo está centrada, especialmente, no compartilhamento de conteúdo histórico e a intenção em construir um espaço de constante interação e troca de materiais didáticos para o ensino de História, um local no qual sentidos históricos possam ser partilhados, apropriados e ressignificados por seus membros. Conforme destaca o texto da aba “sobre”, que consta no perfil do grupo EDH.

Nessa perspectiva, a Didática da História oferece base teórica para compreender a circulação e os usos públicos do passado em diferentes instituições e, por conseguinte, à categoria de cultura histórica, definida pela relação que os agentes históricos estabelecem com o passado a partir do referencial oferecido por autores como Jörn Rüsen (2015) e Fernando Sánchez-Costa (2013). Para Rüsen, a formação histórica consiste em “todos os processos de aprendizagem em que a ‘história’ é o assunto e que não se destinam, em primeiro lugar, à obtenção de competências profissionais” (2010, p. 48). A Didática da História, entendida como a ciência da aprendizagem histórica, ocupa-se de analisar “as formas e funções do raciocínio e conhecimento histórico na vida cotidiana, prática. Isso inclui o papel da História na opinião pública e as representações nos meios de comunicação de massa” (Rüsen, 2011, p. 32). Ainda para Rüsen (2010a), o aprendizado histórico ocorre quando o movimento de busca do conteúdo empírico do saber histórico nasce do próprio sujeito, de sua curiosidade empírica, uma vez que o “aprendizado histórico não ocorre apenas no ensino de História, mas nos mais diversos e complexos contextos da vida concreta dos aprendizes, nos quais a consciência histórica desempenha um papel” (2010a, p. 91).

A partir de tal percepção a respeito do aprendizado histórico, a cultura histórica, definida como o modo pelo qual uma dada sociedade promove usos do passado, considerando a produção, transmissão e recepção do conhecimento histórico, consiste em sentidos históricos compartilhados (Rüsen, 2015). Para Rüsen (2015), a cultura histórica expressa a forma como o

passado torna-se relativamente coerente e vivo em uma dada sociedade, contemplando, contudo, múltiplas narrativas e distintos enfoques. Esse conjunto de ideias e representações do passado circula nos mais variados formatos e suportes, constituindo práticas e concepções históricas compartilhadas em grupos sociais, a exemplo das comunidades virtuais. Como bem expressa o autor: “a cultura histórica sintetiza a universidade, o museu, a escola, a administração, a mídia, e outras instituições culturais como conjunto de lugares da memória coletiva, e integra as funções de ensino, de entretenimento, da legitimação, da crítica, (...)” (Rüsen, 2016, p. 56).

Para Sánchez-Costa (2013), historiador espanhol, a cultura histórica enquanto materialização e molde da consciência histórica podem ser estudados em uma perspectiva acadêmica precisa; primeiro porque estuda dados empíricos e objetivos que constituem narrativas do passado, segundo porque toda cultura histórica apresenta uma estrutura interna, sendo “*un sistema de transmisión histórica basado en la comunicación cultural*” (2013, p. 202). Essa comunicação ocorre através de instituições específicas, a exemplo da escola e do museu, e a partir de determinado meio de transmissão, como o livro didático e os monumentos históricos. Nesse sentido, a cultura histórica se apresenta a partir de uma infraestrutura e de um conteúdo, ou seja, de uma rede institucional e de meios que fazem circular o passado (Sánchez-Costa, 2013, p. 202), constituindo-se enquanto categoria de análise significativa para compreender as diferentes abordagens do conhecimento histórico, tanto no contexto escolar quanto extraescolar, como bem indica o autor ao afirmar que “*con la categoría de cultura histórica definimos, por tanto, el conjunto de recursos, discursos y prácticas sociales a través de los cuales los miembros de una comunidade interpretan, transmiten, objetivan y transforman su pasado*” (Sánchez-Costa, 2013, p. 203).

A comunidade EDH interpreta, transmite e transforma o passado com vistas no ensino de História, ao compartilhar entre os membros do grupo diferentes temáticas históricas e recursos pedagógicos que carregam concepções e proposições de ensino. O grupo, enquanto instituição virtual, faz circular elementos da cultura histórica escolar através dos materiais e recursos didáticos compartilhados, assim, os internautas são produtos e produtores de cultura, ou seja, “a cultura histórica forma uma prática social e dela resulta” (Martins, 2019, p. 57). Analisando as postagens do grupo, em diálogo com os autores citados, tomamos a cultura histórica como categoria geral de análise, na seguinte perspectiva:

Essa pretensão categorial do termo cultura histórica está unida com aspectos normativos. Não se pretende, somente, identificar e explorar alguns fenômenos, mas, ao mesmo tempo, se pretende indicar pautas para a prática cultural. Neste sentido, pode-se falar em mais ou menos cultura histórica e se associam, desta forma, valorações; e quando se fala de instituições como a ciência enquanto manifestação da cultural, aproxima-se de aplicações normativas, de critérios valorativos, com os quais se podem medir e criticar os resultados e efeitos de tal instituição (Rüsen, 2016, p. 56).

Sendo assim, a análise dos materiais didáticos postados no grupo, seja no que se refere ao recorte temático dos conteúdos, seja em relação aos recursos didáticos propostos, possibilita a aproximação com critérios valorativos, uma vez que tal análise intenciona aferir as concepções de ensino de História que circulam em um grupo voltado a professores/as de História. Martins (2019) chama atenção nesse sentido, ao considerar que todo pensamento histórico está vinculado a determinada cultura histórica, que se constitui a partir da consciência histórica de seus agentes do mesmo modo que estes interpretam as narrativas históricas que compõem aquela cultura. Sendo assim, o objetivo principal do processo é a identidade histórica, “pois toda forma de pensamento e narrativa histórica inclui ofertas educacionais históricas para o presente e futuro, como projetos de identidade” (2019, p. 57). Compreender a cultura histórica que permeia um grupo de internautas tão significativo, com mais de 29 mil membros, possibilita perceber, de algum modo, a oferta educacional histórica que constitui a identidade do grupo.

A este respeito, Rüsen (2015) afirma que a cultura histórica tem potencial de orientação quando viabiliza que as experiências do passado humano possam ser interpretadas para que se possa entender as circunstâncias da vida atual e desenvolver expectativas futuras. Assim, enquanto fonte originária e campo de atuação do pensamento histórico, a cultura histórica contempla fatores diversos e múltiplos, como se dá em toda prática cultural. Dentre esses fatores encontram-se o pensar, o sentir, o querer, o valorizar e o crer, que contribuem para estabelecer as cinco dimensões da cultura histórica: cognitiva, estética, política, moral e religiosa. Contudo, “para situar a instituição ‘ciência da história na cultura histórica, as três primeiras dimensões (cognitiva, estética e política) são decisivas” (Rüsen, 2015, p. 230).

Observamos que os conteúdos que circulam no grupo apresentam interpretações históricas pautadas na ciência da História, ao dialogarem com produções historiográficas e indicarem bibliografias da área. Assim, compreendem e privilegiam aspectos específicos da cultura histórica, especialmente no que se refere às dimensões cognitiva, estética e política. Tais aspectos dizem sobre o perfil do grupo, seus interesses e motivações para o pensar historicamente.

À análise, consideramos necessário identificar a formação profissional das pessoas responsáveis pelas 231 publicações coletadas, para, de algum modo, vislumbrar a relação que estabelecem com a ciência histórica. Para essa etapa do estudo, as informações foram coletadas em cada um dos perfis dos usuários a partir das descrições pessoais fornecidas em suas respectivas biografias no *Facebook*. Os dados foram organizados considerando quatro informações: nome do usuário; se possui graduação; se a graduação é em licenciatura; e se a licenciatura é em História. Desta sequência, as postagens foram atribuídas a quatro grupos: historiadores/as- professores/as; páginas (não perfis pessoais); profissionais de outras áreas; perfis com informações insuficientes.

Os dados indicam que mais da metade dos membros ativos que publicaram no trimestre em análise são professores/as de História (50.3%). Dos demais índices apurados, 34% não tiveram a formação identificada; entretanto, possivelmente dentre eles pode haver mais professores/as de História, não tendo sido possível precisar esses dados por falta de informações em seus perfis. Ainda, 6,7% são páginas do *Facebook*, espaços com fins comerciais; e 8,9% são profissionais de outras áreas, como Gestão Pública, Medicina, Geografia, Psicologia e Direito.

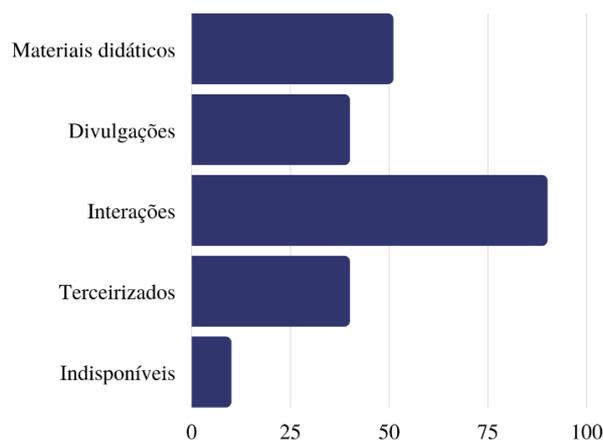
O fato de a maior parte do grupo constituir-se por professores/as de História reflete um determinado nível de segurança nas informações compartilhadas e possibilita estabelecer uma relação entre o ensino de História escolar e extraescolar, considerando que muito dos materiais disponibilizados podem ser identificados como resultados de atividades práticas realizadas nas escolas. Na sequência, buscamos explorar o conteúdo das postagens coletadas, com objetivo de compreender elementos da cultura histórica escolar em circulação na comunidade virtual.

Conteúdos e sentidos históricos compartilhados

As postagens realizadas no grupo *Ensino Dinâmico de História* durante o período de coleta foram selecionadas e descritas em categorias, para que pudéssemos compreender as atividades que na prática sustentavam a existência do grupo. Dialogando com Bardin (2016), consideramos que esse primeiro exercício de análise consiste em “tomar em consideração a totalidade de um ‘texto’, passando-o pelo crivo da classificação e do recenseamento” (2016, p. 43). Assim, as postagens do grupo foram organizadas em: Materiais Didáticos (51);

Divulgações (40); Interações (90); Materiais Terceirizados (40) e Informações Indisponíveis (10), que totalizam as 231 publicações realizadas no trimestre. Estas podem ser observadas:

Gráfico 1: Classificação das publicações



Fonte: elaboração própria (2022).

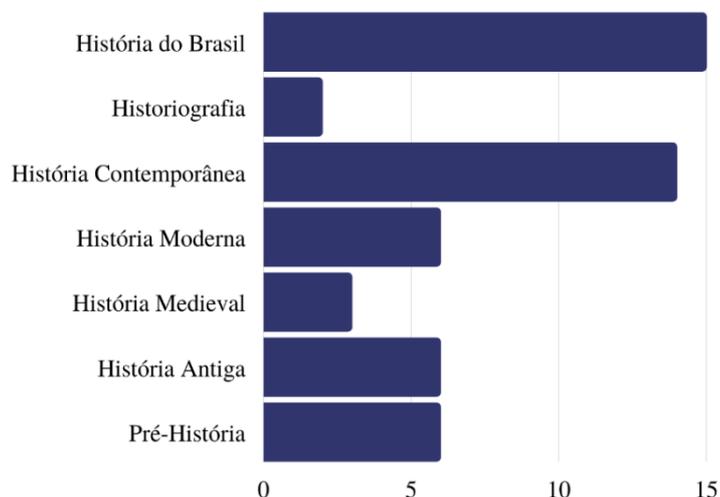
O maior número de postagens foi contemplado na categoria *Interações*, com diversas experiências docentes compartilhadas dentre assuntos como: indisciplina em sala, relatos de aulas, preconceitos, desinteresse dos estudantes, EJA, entre outros; estas são publicações interativas, como “desabafos” sobre situações vivenciadas pelos/as docentes, que geram identificação e conexão com os demais membros. Outro assunto contemplado nesta categoria são as datas comemorativas – tanto efemérides, como o Dia do Professor, quanto outras datas históricas que motivaram a troca de ideias sobre possibilidades de trabalhar em aula.

A categoria *Divulgações* contempla postagens variadas: desde canais no *Youtube* a cursos de temáticas variadas; eventos (encontros, mesas temáticas, workshops, entre outros) e *sites* relativos às áreas de Educação e História; *lives*, transmissões ao vivo (por exemplo, sobre visitas virtuais, lançamentos de livros e debates); grupos, tanto sobre História no próprio *Facebook* como em outras redes sociais; *podcasts*, conteúdos em áudio; e concursos docentes.

Em Materiais Terceirizados, encontram-se postagens que redirecionam para outros sites, fora do *Facebook*, contemplando, assim, links variados. As publicações indisponíveis são conteúdos que foram catalogados na pesquisa inicialmente, a partir de algum *link*, mas que quando acessado para análise não estavam mais disponíveis, haviam sido excluídos.

A segunda categoria com o maior número de postagens é a de *Materiais Didáticos*, com 51 postagens de conteúdos que foram usados em sala de aula ou produzidos para esse fim. Esse conjunto de materiais foi analisado de forma mais aprofundada, de modo a identificar e categorizar o enfoque histórico de cada um, a fim de compreender os recortes temáticos postados com mais frequência, a abordagem do conteúdo e o recurso didático apresentado, perseguindo, assim, o objetivo principal desta investigação. Conforme Bardin: “a intenção de análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (...), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não)” (2016, p. 44). Para a classificação quantitativa dos recortes temáticos das postagens referentes a *Materiais Didáticos*, construímos o gráfico a seguir:

Gráfico 2: Temas históricos que aparecem nos materiais didáticos



Fonte: elaboração própria (2022).

Quanto às postagens, realizamos a classificação a partir da divisão clássica de subáreas do conhecimento histórico, indicando as respectivas quantidades de materiais a partir do recorte temático: História do Brasil (15), Historiografia (2), História Contemporânea (14), História Moderna (6), História Medieval (3), História Antiga (6) e Pré-História (6). Esses conteúdos foram disponibilizados em formatos de artigos, atividades para aula, avaliações, imagens, quadros comparativos, infográficos, matérias de jornais, textos, slides e vídeos.

Assim, com a fase intermediária da análise do conteúdo (Bardin, 2016, p. 45), constatamos que a maior incidência de materiais postados está situada na categoria *História do Brasil*, na qual identificamos conceitos históricos relevantes, como: Colonização; Escravidão; Indígena;

Monarquia; Revolução (Industrial e Francesa); Resistência e Sociedade; voltados a explicar acontecimentos vinculados à história do país. A existência desses conceitos pode ser atrelada a diversos assuntos, os quais são mobilizados através do contexto atual de debate ou até mesmo de comemoração.

Dentro do recorte temático citado, também estão presentes questões de representação racial que objetivam a construção da consciência racial em aula, com assuntos como o “Dia da Consciência Negra” e a história da escravidão no Brasil, em forma de texto e vídeo que auxiliam na compreensão das bases da construção do Brasil e suas problemáticas sociais atuais. Além disso, evocam-se questões políticas e temas sensíveis em forma de vídeos produzidos por professores, que possibilitam a inserção em sala de aula de questões que envolvem debates atuais, como o Integralismo e a Ditadura civil-militar no Brasil.

Essa abordagem pode ser exemplificada através de uma videoaula produzida por um professor, a qual aborda o conceito de Integralismo como forma de apresentar a relação entre o movimento integralista no Brasil e o movimento fascista na Itália, realizando uma aproximação com o tempo presente ao apontar princípios ideológicos semelhantes nas ações de apoiadores do presidente Jair Bolsonaro. Os demais vídeos divulgados pelo mesmo professor demonstram que a construção da abordagem ocorre, via de regra, baseada em assuntos anexados ao tempo presente, a fim de problematizar a utilização de discursos históricos em práticas e atitudes da sociedade atual. Tais abordagens contemplam a dimensão política da cultura histórica no que se refere às relações de poder e dominação presentes na sociedade.

Na categoria *História Antiga*, ocorre a utilização de conceitos como: Escravidão; Império; Civilização; Bárbaro; Religião; Politeísmo, para abordar assuntos como: Mitologia, Egito, Roma, Grécia, Hebreus e Fenícios, através de recursos como slides, vídeos e avaliação. A análise dos materiais demonstra que ainda há a circulação de narrativas tradicionais na abordagem desses conteúdos baseadas na caracterização geral dos povos da Antiguidade e na divisão temporal do período. Contudo, também é notória a tentativa de inserir elementos lúdicos que despertem a atenção dos estudantes, como o uso recorrente de tirinhas, recurso didático lúdico que recorre à dimensão estética para o trato do conteúdo.

Sobre os conteúdos de *Idade Média*, há conceitos como: Nação; Religião; Arte; Feudalismo; Servidão; Absolutismo e Monarquia, mobilizados no sentido de caracterizar este período histórico, havendo de forma evidente a desconstrução da ideia difundida pelos autores

anglófonos de “Idade das Trevas⁴”. Igualmente ocorre a tentativa de compreender questões atuais, como a da pandemia Covid-19, ao analisar acontecimentos históricos como a dizimação populacional pela Peste Bubônica, a partir de exercícios comparativos entre os dois episódios, o que contribui para produção de sentidos que relacionam passado e presente, que, por vezes, incorrem em certo anacronismo.

Atividades comparativas em relação aos diferentes períodos históricos são bastante recorrentes nos materiais analisados. Nos conteúdos da *História Moderna*, aparecem conceitos fundamentais, como: Colonização, Invasão e Descobrimento; em abordagens que contribuem para discussão a respeito das sociedades americanas, por exemplo. Ainda são utilizados textos de narrativa histórica, vídeos e atividades para desenvolver e aproximar com o contexto atual ou processos históricos mais recentes.

No que se refere ao trato dos conteúdos contemplados na categoria *Pré-História*, há majoritariamente a abordagem sobre o povoamento da América. Exploram-se conceitos como: Evolução; Teoria e Arqueologia, a partir dos quais são pautados o processo de movimentação dos primeiros habitantes e as teorias mais prováveis para o povoamento do continente, mobilizando categorias dos estudos mais recentes da Arqueologia para tratar da teoria do Povoamento da América.

Em relação aos conteúdos que tratam da *História Contemporânea*, observamos o desenvolvimento de temas como: Revolução Francesa, Crise de 29 e Segunda Guerra Mundial. Foi possível identificar conceitos próprios do período nessas abordagens, como: Trabalho; Antigo Regime; Burguesia; Cidadania; Revolução e Fascismo. Diferentes recursos didáticos são utilizados como vídeos, infográficos e gravuras. Como o vídeo produzido por um professor que atribui nova abordagem no que tange à questão da inflação, ao tratar da Crise de 1929 a partir da obra “Quarto de Despejo: diário de uma favelada”, da escritora Carolina Maria de Jesus. Desse modo, o professor insere a perspectiva social e racial no trato do conteúdo, em um horizonte que combina a linguagem literária e a abordagem histórica para produção de novos sentidos históricos.

Isso também é percebido em um vídeo produzido por dois acadêmicos de licenciatura em História, no qual analisam as construções da África traçando um comparativo entre os filmes

⁴A respeito da desconstrução da ideia de “Idade das Trevas”, consultar Umberto Eco (2016).

hollywoodianos e os filmes produzidos no continente africano, na transição dos séculos XX e XXI, explorando assim as representações de África em diálogo com o escritor moçambicano Mia Couto.

Outro exemplo que pode ser trazido para ilustrar a relevância da dimensão estética na abordagem dos conteúdos didáticos que circulam no grupo trata de uma atividade que propõe explorar a pintura “Progresso Americano”, que foi encomendada por George Crofutt, editor do guia de viagem “Western American”, para pessoas interessadas em migrar para o Oeste dos EUA. A pintura apresenta vários elementos do pensamento nacionalista e expansionista de meados do século XIX.

Imagem 1: Pintura Progresso Americano



Fonte: Grupo do *Facebook* “Ensino de História Dinâmico” (2022).

A atividade propõe um exercício de interpretação mediado, no qual primeiro os estudantes são convidados a analisar todos os detalhes do quadro e, posteriormente, ao passarem o *mouse* sobre os números colocados na imagem, podem ouvir áudios que tratam dos diferentes elementos representativos do pensamento à época contemplados na pintura. Resulta em uma prática interativa, lúdica e com profundidade cognitiva e estética.

Ao apresentarmos alguns dos materiais didáticos que circulam no grupo, intencionamos exemplificar, de modo geral, tendências que compõem as abordagens dos conteúdos e os recursos produzidos e compartilhados com os pares. Materiais que de algum modo representam a mentalidade histórica e os modos de atribuir sentido, tendo como objetivo a aprendizagem histórica.

Outro aspecto a ser considerado na constituição identitária do grupo diz respeito à interação. Estas dinâmicas foram mensuradas a partir das interações nas publicações, como comentários e compartilhamentos. São interações que dizem sobre a necessidade de partilhar as práticas docentes, nas quais um membro publicava um relato, no intuito de realmente estabelecer um diálogo de troca com os demais, e a partir daquela publicação os/as internautas teciam comentários em relação à experiência do/a autor/a da postagem, na forma de opiniões, conselhos, experiências similares, entre outros.

Estas conexões integram a identidade do grupo e possuem por finalidade sanar algumas das diversas adversidades que os/as professores/as de História enfrentam no decorrer da trajetória profissional; dúvidas e dificuldades do cotidiano escolar, como compreender a forma hierárquica com que as disciplinas escolares são apresentadas; lidar com inovações ou retrocessos do sistema educacional; desenvolver materiais que compõem novas formas de abordagem do conteúdo histórico de maneira atrativa e acessível.

No ano de 2021, especialmente em decorrência do período pandêmico, a atuação docente exigiu a superação de novos desafios, tais como a produção de materiais didáticos que propusessem abordagens mais efetivas e dinâmicas, considerando questões como a limitação de tempo para o desenvolvimento das atividades e de acesso à internet. Foram indicados diversos temas históricos nas interlocuções entre os/as professores/as que buscavam indicação de materiais e/ou recursos didáticos, no entanto, História do Brasil foi a área que mais se destacou nesse sentido, considerando o apelo por abordagens envolvendo temas sensíveis sobre a história nacional, como escravidão e ditadura civil militar.

Outro aspecto também observado acerca da interação do grupo, diz sobre as experiências positivas e negativas da docência, que levam ao desestímulo ou à esperança de um futuro profissional em que a valorização e o interesse no estudo histórico sejam mais presentes.

De modo geral, a vinculação dos membros do grupo a partir das interações realizadas auxilia e conecta profissionais com ambições, metodologias, ideias e necessidades semelhantes, independentemente do quão distantes geograficamente se encontram. As interações demonstram o desejo de estabelecer um diálogo a respeito das experiências no ensino de História e de fortalecer a identidade docente dos membros do grupo.

Considerações finais

Os sentidos históricos produzidos pelo grupo, ao tratar das mudanças temporais pelas quais passou a humanidade com vistas ao ensino de História escolar, são passíveis de serem observados a partir de “critérios valorativos, com os quais se podem medir e criticar os resultados e efeitos de tal instituição” (Rüsen, 2016, p. 56). A interpretação dos dados indica que o trato com os conteúdos históricos está embasado em pesquisa histórica e em conceitos/abordagens recorrentes ao ensino de História escolar, ao analisarmos de modo mais específico a categoria *Materiais Didáticos*, três dimensões da cultura histórica se colocam de forma mais evidente, sendo estas as dimensões cognitiva, estética e política.

No que se refere à caracterização da cultura histórica, percebemos que elementos da dimensão cognitiva são eminentemente sobrepostos às demais, uma vez que o desenvolvimento de narrativas ocupadas em trazer a experiência fundamentada na ciência histórica, são constantes e significativas nos materiais didáticos. A busca por situar o critério de evidência histórica é observada recorrentemente nas abordagens, ou seja, coloca-se presente a intenção de “fundamentar todas as sentenças sobre o passado humano com respeito a seu teor empírico, teórico e normativo” (Rüsen, 2015, p. 231).

A segunda dimensão mais evidenciada pela análise é a estética, sendo perceptível a busca por sensibilizar os destinatários através do uso de imagens, pinturas, filmes, literatura, entre outros, que se inserem nos recursos didáticos como modo de representar e discutir o passado. Conforme orienta Rüsen (2016), a dimensão estética é histórica quando trabalha com a experiência do passado e não quando mobiliza uma criação esvaziada da experiência do passado. Nesse sentido, percebemos como adequados os usos de expressões artísticas nos materiais históricos que circulam no grupo, tornando visível a relevância dessa dimensão para aprendizagem histórica.

Por fim, outra dimensão observada, embora com menor recorrência, é a dimensão política da cultura histórica, em que ocorre a reflexão crítica sobre as forças de poder que se estabelecem e são legitimadas nas sociedades. De modo geral, essa dimensão é evidenciada quando os materiais buscam provocar uma reflexão sobre as relações de poder que foram sobrepostas no passado em comparação à sociedade atual e as ações que no presente guardam qualquer semelhança com passado. Entretanto, embora seja uma dimensão de grande relevância para o desenvolvimento do pensamento histórico crítico, não é observada na grande parte dos

materiais didáticos que circulam no grupo. É relevante destacar que a relação entre passado e presente para a construção da aprendizagem histórica é percebida com alguma frequência nos materiais, contudo, em poucos momentos dá conta de uma dimensão política de modo mais profundo, levando a reflexão histórica para a orientação da vida prática.

A cultura histórica é a categoria de análise que possibilita compreender a produção e os usos da história no espaço público, a exemplo da instituição analisada: uma comunidade virtual. Nesse caso, os meios de transmissão da cultura histórica - materiais didáticos e as interações - que constituíram as principais fontes virtuais analisadas demonstram que há um exercício constante entre os/as profissionais que se ocupam em desenvolver a aprendizagem histórica em propor diferentes recortes temáticos, diversificados recursos didáticos, bem como uma preocupação constante em partilhar e aprender com as experiências e dificuldades vivenciadas no cotidiano escolar. Outrossim, compreender as manifestações da cultura histórica, nos diferentes espaços sociais, nos possibilita a reflexão sobre os mecanismos de aprendizagem histórica.

Referências

ALMEIDA, Fábio Chang. Internet, fontes digitais e pesquisa histórica. In: BARROS, José D'Assunção (org.). **História Digital: a historiografia diante dos recursos e demandas de um novo tempo**. Petrópolis: Editora Vozes, 2022, p. 101-119.

AXT, Margarete. Comunidades virtuais de aprendizagem. **Informática na Educação: teoria & prática**. Porto Alegre, v. 7, n. 1, 111-116, 2004.

BARROS, José D'Assunção. Revolução Digital, sociedade digital e História. In: BARROS, José D'Assunção (org.). **História Digital: a historiografia diante dos recursos e demandas de um novo tempo**. Petrópolis: Editora Vozes, 2022, p. 11-100.

CERDÀ, Francesc Llorens; PLANAS, Neus Capdeferro. Posibilidades de la plataforma Facebook para el aprendizaje colaborativo en línea. **Revista de Universidad y Sociedad del Conocimiento (RUSC)**, vol. 8 n. 2. 14p. 2011.

ECO, Umberto. Introdução à Idade Média. In: ECO, U. (org). **Idade Média: Bárbaros, Cristãos e Muçulmanos**. 4ª ed. Trad. Bonifácio Alves. Alfragide: Dom Quixote, 2016, p. 13-40.

FACEBOOK. **Termos e políticas do Facebook**: Termos de Serviço. Disponível em <https://www.facebook.com/legal/terms> . Acesso nov/2021.

FACEBOOK. **Grupo privado “Ensino Dinâmico de História”**. Acesso out/2021 a jun/2022.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina. 2009. 206 p.

MARTINS, Estevão de Rezende. Consciência Histórica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de. **Dicionário de Ensino de História**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2019. 248p.

RÜSEN, Jörn. Razão histórica. **Teoria da história: Os fundamentos da ciência histórica**. Trad. Estevão de Rezende Martins. Brasília: Editora UnB. 2010. 200p.

RÜSEN, Jörn. **História viva: teoria da história formas e funções do conhecimento histórico**. Trad. Estevão de Rezende Martins. Brasília: Editora UnB. 2010a. 160p.

RÜSEN, Jörn. Didática da história: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão Martins. **Jörn Rüsen e o ensino de história**. Curitiba: Editora UFPR, 2011. 152p.

RÜSEN, Jörn. **Teoria da História: uma teoria da história como ciência**. Curitiba: Editora UFPR, 2015. 324p.

RÜSEN, Jörn. O que é a Cultura Histórica? Reflexões sobre uma nova maneira de abordar a História. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; MARTINS, Estevão Rezende. (orgs.). **Jörn Rüsen: contribuições para uma teoria da didática da história**. Curitiba: W. A. Editores Ltda., 2016. 110p.

SÁNCHEZ-COSTA, Fernando. La fragua de la identidad: memoria, consciencia histórica y cultura histórica. In: PALOS, Joan Lluís; SÁNCHEZ-COSTA, Fernando. **A vueltas con el pasado: historia, memoria y vida**. Ediciones de la Universidad de Barcelona, 2013.

SCHERER, Ângelo Luís; FARIAS, Josefa Gomes de. Uso da Rede Social Facebook como Ferramenta de Ensino-aprendizagem cursos de Ensino Superior. **Revista Brasileira de Aprendizagem Aberta e a Distância** (RBAAD). Volume 17, n. 1, 20p. 2018.

SZLACHTA JUNIOR, M. Arnaldo; RAMOS, Márcia E. Teté. Narrativas históricas na tecnosfera: a responsabilidade de ensinar História através da internet. In: FRONZA, Marcelo; RODRIGUES JUNIOR, Osvaldo. (orgs). **Ensino de História e Internet: aprendizagens conectadas**. São Paulo: Paruna Editora, 2021.

KOZINETS, Robert. **Netnografia** - Realizando pesquisa etnográfica online. Porto Alegre: Penso, 2014. 208p.

Recebido em 04 – 06 - 2023

Aprovado em 29 – 07 - 2023